

## Literatura e Anseios do Social em *O Apanhador no Campo de Centeio*<sup>1</sup>

João SILVA<sup>2</sup>

Thiago FALCÃO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, MA

### RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca do contexto social dos anos 1940 a partir de uma leitura das experiências do personagem principal do livro “O Apanhador no Campo de Centeio” (*The Catcher in the Rye*, 1951), bem como de alguns aspectos materiais que figuram na prosa do livro. J. D. Salinger, autor do livro, em sua prosa traduziu, através de alegorias e representações realistas as faces da sociedade de sua época. Visto o livro ser considerado um dos clássicos da literatura norte-americana e por possuir interpretações controversas, o artigo busca discutir o contexto histórico e social que envolve a obra, impacto cultural e fatos reais em que o livro se faz presente, além de buscar interpretações por meio de uma leitura crítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise; Literatura; Salinger; Sociedade

### 1. Introdução

Por mais que o texto permaneça intacto em um livro, a forma de como ele se traduz em cada leitura é o que torna tudo diferente. O sentido extraído de uma experiência dificilmente se encontra no meio, mesmo que este seja considerado, de alguma forma, sagrado (BARTHES, 1968) Mesmo obras consideradas especiais, não escapam de uma multiplicidade de interpretações: estas atravessam as barreiras do tempo sob eterno escrutínio e admiração. “O Apanhador no Campo de Centeio” (*The Catcher in the Rye*) de Jerome David Salinger, de 1951, se envereda por esse caminho, oferecendo uma visão particular de sua época e se envolvendo em polêmicas no decorrer da história.

Publicado primeiramente em formato de revista e posteriormente como livro em 1951, nos Estados Unidos, a obra de Salinger foi considerada, pela Modern Library, um dos 100 livros de língua inglesa mais importantes do século 20. De prosa simples e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: [joaomarcos.santos2010@gmail.com](mailto:joaomarcos.santos2010@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: [thfalcao@gmail.com](mailto:thfalcao@gmail.com)

fluida, o romance se passa em 1949 e traz como protagonista Holden Caulfield: um garoto que foi expulso do internato onde estudava e aproveitou os dias antes de voltar para casa para se permitir experiências nas ruas cidade de Nova Iorque, se tornando um clássico anti-herói. Algo definido por Christopher Vloger (2008) em *A Jornada do Escritor*, não como contrário do herói, mas sim aquele que tem atitudes não muito louváveis, porém o público se solidariza por ele, como o caso do personagem Robin Hood: o ladrão que rouba dos ricos para dar aos pobres. Além de que essa figura também se aproxima do herói trágico: aquele que é cheio de defeitos e falhas, que não consegue ultrapassar derrotar seus próprios demônios (VLOGGER, 2008).

A revista Rock Press afirmou no artigo “‘O Apanhador no Campo de Centeio’: O livro que inventou uma geração” de Marcos Antonio Barbosa, em 1999, que o livro de Salinger é um marco, pois pela “primeira vez na literatura americana (ou mesmo mundial), o universo próprio dos jovens foi estudado a fundo e exposto de maneira absolutamente natural, sem nenhuma pretensão ou didatismo” ou seja: Salinger não buscou doutrinar de alguma forma seus leitores, o que atraiu ainda mais os jovens, por mostrar seus anseios e visões de mundo.

## **2. Uma Breve Digressão Histórica: Salinger e o contexto dos anos 1940 nos EUA**

Um dos motivos pelos quais *The Catcher in the Rye* fez tanto sucesso é, sem dúvida, a época em que o autor vivia. Ao invés de trabalhar uma prosa literária modernista e que evocasse uma forma “séria” de expressão, o uso de uma linguagem coloquial que dá forma ao texto: este é repleto de palavras de baixo calão e de vícios de linguagem comuns. A edição escolhida para este artigo, mantém a fidelidade no “tom” agressivo de Holden Caulfield.

A tradução para a língua portuguesa não deixou de fora a força de fala do personagem, o que deixa a leitura muito agradável independente da língua, algo muito positivo em relação a história que está muito atrelada a forma de como Caulfield se relaciona com o mundo. Como bem explica Amora (1967) em *A Introdução a Teoria da Literatura*, a estrutura expressiva varia de obra para obra, de autor para autor, pois ela deve ser adequada para o conteúdo que deseja passar e em como ele quer que o leitor experimente a obra. Dessa forma, Caulfield fala como jovens de sua época. Importante perceber que esta forma da prosa é um índice de uma materialidade distinta, sendo, por

---

si só, digna de nota e importante no efeito que uma obra como esta causa através dos anos (GUMBRECHT, 2010).

Além disso a leitura se torna mais fluida, pois o leitor entra na “cabeça” do personagem, vendo o que ele vê e sentindo o que ele sente, tudo isso possível por livro ser narrado em primeira pessoa. “O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos (LEITE, 1985, p. 44).

Já a origem do nome do protagonista, possui raízes na língua inglesa. Segundo Solla (2013), Holden vem da palavra inglesa “*holding*” (segurando) e Caulfield, “*field*”, quer dizer campo. O que conversa muito bom com o título da obra.

Observando a primeira edição, a mais comum e popular nos Estados Unidos, seria o equivalente a um livro edição de bolso no Brasil. As folhas são cinzentas, parecidas com a de jornal e a capa é a mesma da primeira edição (1951), com um cavalo de um carrossel de cor laranja com a cidade de Nova Iorque no fundo, mais afastada. De acordo *Salinger: uma vida* (2011) de Kenneth Slawenski, Salinger aprovou a capa pois ela “conseguiu transmitir com eloquência a profundidade da novela e continua, emblemática de o apanhador no campo de centeio.”

Capa original pode gerar uma série de interpretações. A cor predominante é laranja, que ao mesmo tempo que pode simbolizar vivacidade, traz uma ideia de descontentamento e ansiedade. Já o título está em amarelo, fortalecendo a ideia de alegria e felicidade, no entanto, pintores como Van Gogh (1853 – 1890) exploraram muito amarelo em seus quadros, mesmo tendo uma vida e um humor, segundo relatos históricos, melancólicos e inconstantes.

### **3. Enredo e Alegorias do Social**

Em um primeiro momento na história, ele se encontra com o seu professor de história chamado Mr. Spencer, uma das poucas pessoas em que Caulfield presta respeito na narrativa. A verdade é que, nesta conversa, afirma que ambos são de mundo diferentes e para si mesmo declara que não tem mais lugar naquela escola. Durante esse diálogo com o professor, Caulfield tenta se esquivar de ter que dar explicações de o que porque está desistindo de tudo. Para ele, seus motivos são plausíveis e especiais. Porém, Mr. Spencer afirma que a vida é um jogo e todos devem jogar de acordo com as regras. No entanto, ele rebate a fala em pensamento:

“Jogo uma ova. Bom jogo esse. Se a gente está do lado dos bacanas, aí sim, é um jogo – concordo plenamente. Mas se a gente está do outro lado, onde não tem nenhum cobrão, então que jogo é esse? Qual jogo, qual nada.” (SALINGER, pág. 14, 2014)

Nada, no entanto, é por acaso. À época em que *O Apanhador* foi escrito e publicado, os jovens não queriam mais jogar o “jogo dentro das regras”. Era o surgimento da Geração Beat, que teve grandes nomes, tanto na literatura, com *On The Road* (1957) e *Os Vagabundos Iluminados* (1958) de Jack Kerouac e com o surgimento dos The Beatles (1960) tendo como John Lennon referência. O movimento *underground* viviam contra o sistema: se embriagavam livremente, faziam sexo sem obedecer ao princípio do matrimônio, ouviam muito jazz (de onde veio a palavra beat) e procuravam viver a intensamente em todos os aspectos.

Era uma geração que passava por grandes mudanças. Os beatnicks, com eram chamados, passaram a perpassar suas ideias através romances e poemas com vocabulário informal, com palavras de baixo calão e gírias, além de uma busca pela igualdade. Tudo isso vindo de autores como Henry David Thoreau (1817-1862) que discutiu em *Desobediência Civil* (1849) o poder do Estado sobre os cidadãos, para ele, era legítimo ir contra o sistema vigente como forma de protesto, por considerar que leis não tonam os homens justos e bons.

Linhas filosóficas como o Existencialismo de Søren Kierkegaard (1813-1855), também influenciaram nesse momento nos Estados Unidos. Segundo esse entendimento, o homem é livre para fazer suas escolhas e também único responsável por suas ações, mesmo que isso implique em perdas e duras consequências. Além de que a existência humana é carregada de angústias e dúvidas e isso foi muito perceptível em todo o livro, mesmo que o autor não tivesse o objetivo de falar sobre filosofia.

Salinger também fala sobre crenças em seu livro. Caulfield não segue nenhuma religião e julga pessoas que usam a fé de uma forma hipócrita, como relata as atitudes de um ex-aluno do colégio que se tornara agente funerário. O jovem narra que um dos pavilhões da escola levou o nome dele e que em um dia voltou a escola e fez um discurso dizendo que pedia a Deus para lhe mandar cadáveres e que mesmo assim era “camarada” de Jesus (SALINGER, 2014, p.21)

Em outro momento na narrativa, Caulfield tenta rezar, no entanto, não se mostrou satisfeito com a experiência. Ele se considera ateu, fala que “gosto de Jesus e

---

tudo, mas não dou muita bola para a maioria das outras coisas da Bíblia” (SALINGER, 2014, p.101), acusando novamente as pessoas que não usam da sua crença de forma plena, contestando até a postura dos Apóstolos, dizendo que eles não seguiam Jesus na plenitude enquanto ele estava vivo. Para Caulfield, até os Apóstolos eram falsos juntamente com todos aqueles que se aproximam falsamente da religião.

O sexo e a virgindade também são assuntos constantemente presentes na cabeça de Caulfield. Mesmo por se sentir livre para fazer qualquer coisa, ele sente a pressão e o medo de uma vida sexualmente ativa. Com dezesseis anos, o protagonista se vê virgem, rodeado de pessoas do seu convívio que se gloriam de suas aventuras sexuais. Um exemplo bem claro disso é o seu colega de quarto, Ward Stradlater, descrito como sendo um jovem bonito e forte, que “vivia alisando o peito e a barriga”, “se adorava” e “só pensava em sexo.” Ambos eram de mundos bem diferentes, apesar de Caulfield também ter o desejo de não ser mais virgem. Devido a isso, ambos tiveram uma briga que resultou na saída voluntária e definitiva de Caulfield do colégio. Pedindo explicações sobre o encontro amoroso que Stradlater teve com uma velha amiga dele, Caulfield declara que o colega de quarto é imbecil e que não sabe discutir algo com inteligência. Ou seja, alienado aos seus desejos.

Desafiado pela sua forma de ver o mundo, Caulfield quebra o seu modelo de comportamento. Já na rua, o jovem entra em um bordel e contrata uma prostituta. Esse era o momento de provar mais uma vez de que ele era dono de si e por isso fez o algo fora do comum: queria apenas conversar com a garota de programa. Ele se sentia só. Num primeiro momento ela não acreditou e se esforçou para que eles seguissem a diante com o ato, mas ele negou todas as investidas.

As relações para ele deveriam ser muito mais profundas. Ele gostava de observar as pessoas e apreciá-las, além de que dava muito valor para conversas que ele considerava construtivas. No final das contas, arrumou uma briga com a prostituta e com o cafetão, pois ela queria mais do que ele estava disposto a pagar.

As pessoas poderiam sim ser um empecilho para na busca por si mesmo. Além do cafetão que aliena tanto jovens a venderem seus corpos e convencer homens e mulheres a pagarem por isso, pessoas consideradas de confiança podem tentar privar o indivíduo de sua liberdade e a inocência. Caulfield se vê assim em duas situações. A primeira delas foi quando teve um encontro com Sally Hayes, sua antiga namorada.

---

Depois de saírem, Caulfield tenta convence-la a fugir com ele, mas de imediato ela recusa. Caulfield se arrepende do convite e corta as relações com ela.

Já em um segundo momento, quase no final do livro, Caulfield se abriga na casa do seu antigo professor, Sr. Antolini durante uma noite. Porém, Caulfield acorda com o professor tocando de forma estranha no rosto dele, o que fez o jovem fugir imediatamente da casa, deixando com que o leitor possa ter várias interpretações. Se foi um assédio ou não, Caulfield se sentiu afetado com aquilo, o que o deixou reflexivo e confuso.

Assim como as relações poderiam afetá-lo, cultura de massa também não agradava o protagonista. De cara ele afirma não gostar de cinema. Caulfield tem um irmão famoso que passou a morar distante quando ganhou notoriedade no mercado hollywoodiano. Além de escritor é roteirista e que de certa forma traz muito orgulho para a família. É como se o seu irmão fosse a junção de duas coisas opostas: ao passo que Caulfield considera o D.B. (como é mencionado) um bom escritor, acredita que sua carreira no cinema é uma perda de tempo. Talvez seja por isso que seu nome não seja mencionado. Nesse momento, a história e a vida autor se misturam, pois Salinger proibiu a venda dos direitos do seu livro para a adaptação cinematográfica.

Porém, Caulfield afirma que o irmão está de “prostituindo” em Hollywood por simplesmente achar o que o cinema nada mais é do que uma bobagem, idiotice e considera que as pessoas amantes da sétima arte não possuem uma boa capacidade de reflexão. Em determinada parte da narrativa, Caulfield vai a uma festa no hotel em que está hospedado e se encontra com três garotas que sabiam dançar muito bem, mas que não apreciavam a música tocada e que o único objetivo delas era ver um famoso ator de cinema. No fim, ele facilmente engana as garotas, dizendo que o ator havia passado e elas não tinham percebido. Para ele, o cinema também aliena as pessoas.

Em contraste a isso, ele gosta de ler e tem a capacidade de escrever bastante aguçada, umas das poucas coisas que consegue fazer com propriedade, sem duvidar de sua capacidade. Um dos seus livros preferidos é *O Grande Gatsby* (1925) de F. Scott Fitzgerald, mesmo depois de seu irmão ter dito que ele era garoto demais para apreciar a obra.

A música também era algo apreciado pelo protagonista e na vida real canções surgiram inspiradas no livro. A banda Guns'N'Roses lançou uma música no ano de 1992 com o título “Catcher in the Rye”. A letra segue bem o espírito de Caulfield: “*Quando*

---

*tudo está dito e feito/ Nós não somos os únicos/ Que olham para a vida desse jeito”* (tradução livre), pois por mais que o mundo possa normas estabelecidas, a forma de se encarar a vida muda, mas sem negar que ele tenta sufocar a inocência que existe em cada pessoa, como uma arma que ameaça e tira a vida de alguém. A canção termina de forma mais direta: *“Você levou nossa inocência/ Para longe do nosso alcance/ Algumas vezes a punica coisa/ Na qual nós contamos/ Quando ninguém mais estava lá.”*

Já *“Who Wrote Holden Caulfield?”* da banda Green Day combina muito com o outro lado da personalidade de Caulfield: o jovem solitário e confuso. Tentar fugir das regras impostas a vida toda sobre ele tem um preço. A rejeição e a solidão estão presentes no processo de amadurecimento do protagonista, que por muitas vezes se sente fraco e incapaz de suportar a sua realidade. Uma parte da música retrata isso: *“Ele tenta encarar de frente mas acaba desistindo/ Alguém o ajude ou ele vai acabar desistindo”* (tradução livre), por não ser poucas as vezes em que Caulfield pede por ajuda, mesmo não usando as palavras.

Na rua, todas as suas idas e vindas acabam em depressão e melancolia. O anti-herói procura encontrar um conforto em suas relações e não encontra. Tentou contato com uma garota, Sally, que mal conhecia e foi rejeitado, chegou até tentar “comprar” a companhia de um taxista, dizendo que pagaria uma bebida para ele. As ruas estão frias como o humor e o estado de espírito de Caulfield. Por muitas vezes, não se vê parte desse mundo.

Traços esses também presentes na vida do autor. Tímido e recluso, Salinger se trancou em seu próprio mundo depois do seu grande sucesso. Não quis mais dar entrevista. Seu passado, apesar de seu conhecido, não foi empecilho para ocultar o seu presente. Em uma declaração ao jornal New York Times, o escritor afirmou: “publicar é uma terrível invasão da minha privacidade” além de que existem apenas vagas informações públicas sobre sua vida amorosa, por exemplo. Neste sentido, autor e obra possuem uma só voz.

No entanto, a principal questão que Caulfield deve tratar é com a morte. A primeira é a morte do seu irmão mais novo, Allie que foi diagnosticado com leucemia e logo veio a falecer. Caulfield ficou inconformado. Passou dias com raiva e quebrou as janelas da garagem. Ele considerava Allie a pessoa mais inteligente e esperta da família. Lembrou-se de tudo isso quando teve de escrever uma redação para Stradlater

---

descrevendo algo e o objeto escolhido foi a luva de beisebol do irmão, que tinha poemas escritos em todos os dedos.

Caulfield presava muito pela inocência das coisas, das pessoas e a morte de Allie causou uma ruptura grande na vida dele. Não se sabe muito do passado do personagem, mas talvez o seu afastamento gradual dos pais se deu conta de fatores como esses, pois por mais que os pais dele banquem seu estilo de vida, isso não é o suficiente para Holden Caulfield quando se fala de carinho e afeto entre pessoas. Outra questão é que ele acreditava que a vida adulta era também carregada de falsidade e regras difíceis de serem seguidas.

Ele queria com todas as forças preservar a inocência do seu irmão. Em um determinado momento na narrativa, Caulfield visita o cemitério juntamente com a família, mas tudo de ficou ainda mais obscuro para ele. Estava chovendo e as pessoas corriam para se abrigarem da chuva e o seu irmão estava ali, para ele “rodeado de pessoas mortas”, entregue aos cuidados na natureza e completamente preso aquele plano. E tais pensamento foram carregados de indignação.

A rebelião de Holden Caulfield pode ser comparável a outros nomes da literatura. Peter Pan (1911), de J.M. Barrie, por exemplo, conta a história de um garoto, que de forma semelhante a Caulfield decide estender um pouco mais a sua juventude. Um exemplo é a fuga de seus compromissos com o crescimento, como escreveu Barrie sobre o menino da Terra do Nunca. Ou como Holden Caulfield diria: “Se houver outra guerra, vou me sentar bem em cima da droga da bomba. E vou me apresenta como voluntário para fazer isso, juro por Deus que vou.” (SALINGER, 2014, p.138).

Traçando um perfil psicológico de Peter, Dan Hikey (1983) com o seu livro “*Síndrome de Peter Pan*”, o estudioso mostra que jovens de 12 a 17 anos, assim como Caulfield, podem apresentar comportamentos que vão muito além de imaturidade. São conflitos complexos, que segundo ele, apresentam sintomas como irresponsabilidade, solidão, ansiedade e conflitos relativos ao seu papel sexual de forma acentuada em diversas variações.

A paralisia emocional é uma delas. Segundo Hikey (1983) a vítima não consegue expressar suas emoções com clareza. A alegria se mistura com a tristeza, tem dificuldades de falar sobre o que realmente ama e “simplesmente não sabem o que sentem.” Outro fator é a procrastinação e o pensamento mágico, que nada mais é do que “se eu não pensar nisso, vai passar”, fazendo com que as pessoas que passam por isso,

---

abusarem de drogas, como o caso de Caulfield. No entanto, apesar de traços semelhantes, isso não determina que Caulfield sofria da síndrome.

E é no meio de tudo isso que surge a figura do chapéu de caça de Caulfield. Ele é o maior símbolo de identificação da obra. É quase que impossível desvincular um do outro. De corpo vermelho, o chapéu de caça que o personagem comprou por apenas um dólar trouxe interpretações. Para alguns, se identificar com as confusões de Caulfield trouxe consequências além da ficção, o que determinou a maneira de como muitas pessoas ao redor do mundo consumiram a obra.

Em um dos diálogos mais famosos do livro, Caulfield conversa com seu colega Robert Ackley, conta o motivo de ter comprado o chapéu:

“Tirei o chapéu e olhei para ele, com um dos olhos meio fechado, como se estivesse fazendo mira.  
- Esse chapéu aqui é para caçar gente. Eu uso ele para caçar gente.  
(SALINGER, 2014, pág.27).

Para alguns, um gatilho para assassinos, para outros, um motivo para se manter longe do livro. Algo comparável ao livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) de Johan Wolfgang von Goethe, no qual o Werther se suicidou e isso, segundo boatos da época, tinha desencadeado uma série de suicídios em massa na Alemanha do século XVI.

O caso mais famoso envolvendo o *Apanhador* foi no assassinato de John Lennon (um dos The Beatles), relatado no livro biográfico *Salinger* (2014) de David Shields e Shane Salerno. Aconteceu em 1980 e em depoimento, Mark David Chapman disse mudaria seu nome para Holden Caulfield, e que o livro o orientava matar o artista, para que a inocência de Lennon fosse mantida por meio da morte, afirmando: “Grande parte de mim é Holden Caulfield. Outra parte deve ser o demônio.” E ainda desse mais: ‘O apanhador no campo de centeio’ e você descobrirá porque o fiz. Esse livro é meu argumento”.

Além disso, em 1981, o livro foi encontrado no quarto de hotel de John Hinckley, que atirou contra Ronald Reagan, até então presidente dos Estados Unidos. Algo semelhante ocorreu no assassinato da atriz Rebecca Schaeffer, em 1988, e o assassino estava com a cópia do livro quando foi preso.

---

Vale ressaltar que tudo se torna uma questão de subjetividade. A revolta de Caulfield não se remete a pessoas em específico, mas sim em como as pessoas podem estar em um mundo e serem tão passivos dela. Ele se rebela contra a superficialidade das pessoas e a tudo aquilo que tiram elas de seu estado natural, de sua felicidade e liberdade de espírito.

O chapéu tem uma ligação direta com isso: era usado em determinados momentos. Ele usa como uma forma de proteção, de ser autêntico consigo mesmo, principalmente quando se sente ameaçado pelo meio e isso se comprova quando ele está caminhando pelas ruas usando-o e refletindo sobre seus dilemas.

“Quando já estava pronto para partir, com as malas e tudo, parei no alto da escada e dei uma última olhada pela droga do corredor. Acho que chorei, nem sei por quê. Pus o chapéu de caça vermelho na cabeça, virei a aba para trás, como gostava, e aí dei um berro com toda a força:  
- Durmam bem, seus imbecis.” (SALINGER, 2014, pág. 55)

São emoções opostas: ele sabe que sentirá falta das pessoas quem convive e ao mesmo tem o desejo de se isolar vem mais forte. A única pessoa que pode tirar Holden Caulfield de seus pensamentos e leva-lo a um confronto foi Phoebe Caulfield, sua irmã mais nova. É como se depois da morte de Allie, sobrasse apenas Phoebe, a pessoa que ele mais ama e respeita na história.

A garota de seis anos de idade tem uma personalidade forte e palavras decisivas. Não vacila em suas opiniões. Caulfield se encontra com ela quando volta escondido para casa, o objetivo: ver como está a irmã. Ele quer fugir e manter o seu “pensamento mágico” vivo e se vê na obrigação de se despedir de Phoebe. Ela, no entanto, quer ir junto. Manter a sanidade do irmão parece ser o seu objetivo. É como se para ele, as coisas ficassem claras na presença dela. Sendo ela a única pessoa na narrativa a usar o chapéu de caça vermelho.

Caulfield considera a irmã muito esperta. Ela o encara como um herói. Ambos se complementam e ele encara a pureza dela, mais uma vez, como algo a ser salvo das coisas ruins do mundo. Ele quer ser o apanhador no campo de canteiro na beira de um abismo, tendo como o objetivo salvar as crianças de caírem na imensidão do desconhecido e da cruel do sistema que priva a liberdade e rouba a inocência.

Outro momento de reflexão sobre o seu papel no mundo, foi quando ele observa estátuas no museu e percebe que são as mesmas desde quando começou a frequentar o

ambiente. Elas não mudam igual muitas coisas na vida são capazes de mudar, uma delas é a morte. Isso o faz pensar que ele precisa se permitir estar mais perto de quem ama e se deixar ser ajudado de alguma forma.

Pensamento semelhante veio até ele quando se questionou para onde os patos vão quando tudo fica congelado, ao se lembrar de um laguinho no Central Park. As estações mudam e coisas voltam com ela, como os patos na primavera.

O carrossel no parque foi o ápice de tudo isso. Os cavalos estão lá, presos e girando o tempo todo. São imutáveis. Caulfield parece reconhecer que algumas coisas não estão debaixo do seu controle. São fatores de fora para dentro que transformam a sua realidade. No entanto, os três dias em que ele passou na rua sozinho foram de certa forma necessários. O número “três” na numerologia possui o significado de unidade, como um triângulo. Foi o tempo necessário para sua mente se equilibrar. Mais que respostas, Caulfield encontrou dúvidas insanáveis.

A música tocada nesse momento da história era *Smoke Gets in Your Eyes*, dos *The Platters* conta muito sobre o que aconteceu ali. Fala sobre o amor e como acredita estar dentro de cada um, que, no entanto, se apaga e quando isso acontece, a pessoa fica com “fumaça nos olhos” e não consegue enxergar. *Todos que amam são cegos/ Quando seu coração está incendiado/ Você precisa compreender/ A fumaça em seus olhos* (tradução livre). Caulfield tinha fumaça nos olhos e Phoebe foi a única que o fez ver claramente. Enxergar que ele também precisava de amor, de “apanhar” a si mesmo.

O livro termina com Caulfield se encontra doente e narrando tudo que ele viveu para um psicanalista. Sabe que vai ter que voltar para escola logo, mas o amanhã ainda assim se encontra incerto. O jovem não se mostra arrependido do que fez, para ele, todas as pessoas que cruzaram seu caminho nesse processo foram essenciais. Afinal, a vida é muito mais questionamentos e conflitos do que respostas.

#### **4. Considerações Finais**

O livro de Salinger é, de certa forma, um espelho da sociedade de sua época. Questionamentos e uma luta constante contra o sistema e se mesmo presentes na obra, demonstra o quão o livro se enquadra em estado passível de análise e interpretações, sobretudo que lê. Eco (1994) debate que a leitura é um ato em que o leitor interpreta o texto a partir de suas paixões provocadas ou não pelo texto, o que determina como a

---

história consumida pelo público. O que explica o envolvimento da obra em músicas, poesias e até em casos mais extremos como assassinatos.

A obra mostra o espírito conturbado de uma época de grandes transformações culturais e políticas. “Tratava-se de uma confissão, uma expiação, uma oração e uma iluminação, tudo isso revestido por uma voz tão distinta que iria alterar a cultura americana” (SLAWENSK, 2011). Expressa o descontentamento do autor com o horror de Salinger pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo a publicação da obra um “ato de purificação”. Ele também carregava o peso de ir contra o cinema e a vida trazida pela fama garantida pelo seu *best-seller*.

O protagonista da obra, Holden Caulfield, o garoto que deseja ser o apanhador no campo de centeio, durante toda a narrativa, reafirma a sua postura inconformada e ansiosa, melancólica e pessimista em relação ao mundo. É visível que neste livro, ficção e realidade se entrelaçam de forma precisa, entregando ao público um livro repleto e simbolismo e alegorias do social.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marcos Antonio, ‘**O Apanhador no Campo de Centeio**’: **O livro que inventou uma geração**. Revista Rock Press, 1999. Disponível em: < <https://medium.com/telhado-de-vidro/o-apanhador-no-campo-de-centeio-o-livro-que-inventou-uma-gera%C3%A7%C3%A3o-dfe7e2e89367>> Acessado em: 15 abr. 2019.

SOLLA, Caio Henrique. **A identificação do leitor com a obra o apanhador no campo de centeio por meio da teoria e da análise literárias**. 2013, 63 p. Monografia (Curso de Letras: Habilitação em Português e Inglês) - Universidade de Sorocaba, Pró- Reitoria Acadêmica, Sorocaba-SP, 2013. Disponível em: < <https://pt.calameo.com/read/002002877176138ad2185> > Acessado em 15 abr. 2019.

AMORA, Antônia Soares. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix., 1977.

SALINGER, Jerome David. **O Apanhador no Campo de Centeio**. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2014.

SLAWENSK, Kenneth. **Salinger: uma vida**. São Paulo: Editora Leya, 2011.

KILEY, Dan. **Síndrome de Peter**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios. p. 44.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

THOREAU, Henry David. **Desobediência Civil**. Ebooks Brasil, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desobedienciacivil.pdf>> Acessado em: 15 abr. 2019.

SHIELDS, D.; SALERNO, S. **Salinger**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. 1 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.